

DESIGUALDADES SOCIAIS E DISSIDÊNCIA SEXUAL FEMININA

Ana Maria Brandão*

Resumo:

Esta comunicação baseia-se nos resultados empíricos de uma investigação que tomou como objecto teórico o processo de construção social da identidade de um conjunto de mulheres, incidindo especificamente sobre a sua articulação com o homo-erotismo e o género. Pretende-se apresentar as principais conclusões obtidas no que se refere concretamente ao modo como uma dimensão particular da vida dessas mulheres – a da sexualidade e dos afectos que lhe estão associados – se constitui como um traço central das suas identidades e dos seus modos de vida, ilustrando o modo diferencial como as desigualdades sociais estruturadas operam a estes níveis. A metodologia adoptada possui um carácter eminentemente qualitativo, recorrendo ao estudo de casos e cruzando os contributos das técnicas de observação directa, entrevista e questionário. De acordo com os resultados obtidos, o género, o *habitus* de classe e a posição que lhe corresponde, a pertença geracional, a origem geográfica e a trajectória pessoal surgem como factores particularmente discriminantes dos modos de fazer e representar a relação entre a identidade global do actor e a sua identidade sexual.

Palavras-chave:

Homo-erotismo feminino; dissidência sexual; identidade sexual.

Introdução

Esta comunicação baseia-se nos resultados empíricos obtidos numa investigação de doutoramento, que tomou como objecto teórico o processo de construção social da identidade, incidindo especificamente sobre a sua articulação com e entre homo-erotismo e género. O objecto empírico da investigação consistiu num conjunto de mulheres que haviam mantido, ao longo das suas vidas, pelo menos uma relação amorosa com outra mulher, a despeito de adoptarem, ou não, para si próprias, qualquer definição particular em termos de identidade sexual. Todas as mulheres, num total de dezoito, residiam, à data de realização do trabalho de campo, nos distritos do Porto e de Braga, tendo sido localizadas através de um procedimento em bola de neve a partir do contacto inicial com informantes privilegiados.

A metodologia adoptada no estudo assumiu um carácter eminentemente qualitativo, assente no estudo de casos e cruzando os contributos das técnicas de observação directa, entrevista e questionário. No caso específico dos resultados aqui discutidos, assumiram particular relevo o questionário e a entrevista de história de vida. Através do primeiro, foi possível recolher um conjunto de informações que permitiram determinar a origem e a pertença de classe, bem como a idade e as habilitações escolares das mulheres em causa. A entrevista de história de vida gerou o acervo fundamental de informação relativa aos processos de construção social da identidade, posteriormente articulada com e analisada em ligação com os indicadores recolhidos através do questionário.

Pretende-se apresentar as principais conclusões obtidas no que se refere concretamente ao modo como uma dimensão particular da vida das mulheres – a da sexualidade e dos afectos que lhe estão associados – se constitui como um traço central das suas identidades e dos seus modos de vida, ilustrando o modo diferencial como as desigualdades sociais estruturadas operam a estes níveis. Os resultados obtidos no estudo sugerem que o género, o *habitus* de classe e a posição que lhe corresponde, a pertença geracional, a origem geográfica e a trajectória pessoal são factores particularmente discriminantes dos modos de fazer e representar a relação entre a identidade global do actor, a sua identidade de género e a sua identidade sexual.

1. Excurso: Pressupostos teórico-metodológicos de partida

As modificações estruturais associadas ao advento da modernidade incluíram não só a progressiva constituição da sexualidade como esfera autónoma de produção de sentido, mas, mais do que isso, fizeram do sexo o *locus* da identidade (Elias, 1989; Foucault, 1994; Giddens, 1997). A sexualidade tornou-se num domínio central de auto e hetero-classificação ao associar, de modo indelével, práticas ou

* Socióloga, Prof. Auxiliar do Departamento de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. E-mail: anabrandao@ics.uminho.pt. Comunicação apresentada no X Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 4 a 7 de Fevereiro de 2009, Braga, Universidade do Minho.

actos sexuais e identidades. Especialmente com a constituição da sexologia como área privilegiada de intervenção de médicos e peritos vários, assiste-se a uma proliferação de tipos de pessoas cujas identidades passam a ser definidas de acordo com as suas práticas e/ ou preferências sexuais. Esta alteração de quadros perceptivos e explicativos culminou na formulação da noção de “orientação sexual”, entendida como “uma característica de um indivíduo que descreve as pessoas por quem é atraído para a satisfação de necessidades afectivas e sexuais – pessoas do mesmo género, do género oposto, ou de ambos os géneros” (Anastas & Appleby, 1998: 49). Daqui decorreria a existência, portanto, de categorias sociais específicas, a saber: homossexuais, heterossexuais e bissexuais.

Tem sido, entretanto, extensamente demonstrado, nomeadamente sob a égide de Foucault (1994), que este sistema de classificação, para além de relativamente recente, surge como produto de transformações históricas particulares e não tem (o mesmo) sentido quando aplicado ao passado ou a contextos socioculturais, temporais e geográficos diversos dos ocidentais modernos. Por esta razão, mas também porque não existe uma relação linear entre sexualidade e identidade, optou-se por falar em “homo-erotismo”¹ e não em “homossexualidade” ou “lesbianismo”, para designar a presença de um acto, de um desejo ou de uma preferência erótico(a) entre ou por alguém do mesmo género, respectivamente, exclusivamente ou não, abrangendo subcategorias e contingentes populacionais diversos e independentemente das identidades reclamadas e/ ou atribuídas pelos ou aos indivíduos em causa. O uso das noções de homossexualidade, lesbianismo, homossexual, gay ou lésbica – em especial, em termos substantivos, como em “os gays” ou “as lésbicas” –, são, assim, reservados aos contextos em que se entende ser social e culturalmente legítimo o seu uso, e aos casos em que tais designações são reclamadas pelos próprios actores.

Isto pressupõe, entretanto, uma concepção particular da identidade e uma forma específica de olhar para a realidade social.

As identidades pessoais são construídas em contextos socioculturais particulares. Os actores servem-se de um conjunto de recursos que lhes permitem aceder a uma existência pessoal e social reconhecida. No caso particular do homo-erotismo, estão, nomeadamente, em causa, um conjunto de representações e “discursos” (Foucault, 1969: 66-67), produzidos em domínios tão diversos como o religioso, o científico e o político, que enformam um sistema de classificação social particular. É no âmbito destes discursos, umas vezes complementares, outras conflituais, que se joga a construção das identidades.

Sendo a dimensão estrutural e institucional uma parte importante dos fenómenos identitários, existe, no entanto, uma outra dimensão a que importa atender e que é, justamente, a do actor que se espera que incorpore as identidades propostas², mas que não só nem sempre o faz, como, quando o faz, nem sempre o faz nos moldes presumidos. Dito de outro modo, as práticas, os sentimentos e/ ou as preferências eróticas dos actores não sustentam, obrigatoriamente, nem identidades particulares, nem a sua eleição como elemento central de definição identitária. Indubitavelmente, no entanto, numa sociedade onde tais pressupostos são assumidos como verdadeiros, os actores terão que se defrontar com eles. O modo como o fazem e o saldo desse “trabalho identitário” pode, todavia, assumir configurações distintas.

Assim, por um lado, e considerando que tanto a identidade heterossexual, como as identidades gay e lésbica são construções, o propósito da investigação consistia menos em verificar a conformidade dos actores às mesmas do que em compreender o modo como ela se processava – ou não. Por esta razão, o objecto empírico foi definido tendo como critério o envolvimento, por parte das mulheres entrevistadas, em pelo menos uma relação erótica-amorosa com alguém do mesmo género, independentemente de se definirem ou não como lésbicas. Por outro lado, considerou-se que a dimensão mais propriamente estrutural e a sua influência nos processos de construção da identidade poderia ser melhor apreendida a partir da análise de um conjunto de variáveis “externas” susceptíveis de estarem associadas a diferenças a este nível, em especial: a idade, assumindo, nomeadamente, a sua ligação a contextos geracionais e, portanto, históricos, políticos e socioculturais diversos (cf. Plummer, 2001); e a classe³, intimamente

¹ O conceito é derivado de Brooten (1996) e permite cobrir (e, portanto, estabelecer alguma comparação) entre épocas históricas e sistemas de classificação social diversos. Tem, ainda, a vantagem de não impor ao actor uma definição identitária com a qual pode não se identificar.

² E às quais se espera, de resto, nomeadamente em contextos “clínicos”, mas não só, que o indivíduo se “ajuste”. Para uma crítica ao uso clínico dos pressupostos e das etapas implícita ou explicitamente presentes nos modelos e tipologias de desenvolvimento da identidade gay ou lésbica, especificamente, consulte-se o artigo de Hart (1996). Para um conhecimento aprofundado das tipologias mais influentes, podem consultar-se Troiden (1988), Gonsiorek & Rudolph (1991), Appleby & Anastas (1998), Mallon (1998), Moita (2001), bem como a tese de Pereira (2005), que inclui uma extensa revisão da literatura neste domínio.

³ A determinação da origem e do lugar de classe das entrevistadas obedeceu aos critérios usados por Machado, Costa, Mauritti & Martins *et al.* (2003: 46), cuja proposta cruza os contributos das abordagens tradicionais das classes sociais que atendem, sobretudo, ao “plano das qualificações e certificações de alcance profissional” com abordagens

ligada às diferentes concepções de género e sexualidade (cf. Bourdieu, 1979; Skeggs, 2002), bem como aos recursos – materiais, mas também culturais – a que é possível, em cada momento, aceder.

Em termos teóricos, parte-se de uma abordagem dos processos de construção identitária que, numa linha próxima da de Dubet (s.d.), considera que estes operam a três níveis: por um lado, a identidade remete para os mecanismos de socialização, surgindo como o resultado da acção das estruturas sociais, das instituições e das agências de socialização. Trata-se daquela dimensão através da qual se produz a identificação com uma sociedade e, no seio desta, com determinados outros, e que remete para as pertenças sociais. Por outro lado, a identidade possui uma dimensão pessoal, voltada para a afirmação de uma unicidade distintiva face aos outros e que, construindo-se, de certa forma, num sentido contrário à influência socializadora, permite ao actor afirmar-se como ser único e inconfundível com os demais. Trata-se da identidade pessoal, construída num processo de tensão entre o Eu, o Nós e o Outro. Finalmente, a identidade pode também ser usada como recurso estratégico na afirmação desse Eu autónomo e singular. Neste caso, a racionalidade do actor e a sua margem de autonomia relativa, que permitem o exercício da reflexividade, implicam considerar que aquele se pode servir do conhecimento que detém sobre a realidade social para atingir certos fins, conscientemente ou não, designadamente pela manipulação da imagem de si que veicula e que mais lhe interessa.

A identidade é, pois, entendida como o resultado de uma actividade, de um trabalho levado a cabo pelo actor, que procura relacionar mundos, lógicas e princípios de acção heterogéneos e móveis, pontualmente estabilizada e continuamente refeita, através da qual ele exprime a sua pertença, tanto como a sua singularidade. Neste sentido, a identidade não é o que permanece idêntico, mas o resultado de uma identificação contingente (Dubar, 2000: 3), que decorre, simultaneamente, do exercício da subjectividade e das características particulares de cada formação social.

2. Incurso: A construção da identidade

A construção da identidade decorre no contexto de um quadro normativo geral que inclui uma definição dos papéis de género intimamente ligada à imposição da heterossexualidade e à sua eleição como padrão de comportamento “normal”. Aquilo a que Rich (1980) chamou a “heterossexualidade compulsória” traduz-se, assim, na presença de um conjunto de expectativas relativas à conduta que tem como consequência eliminar do horizonte das possibilidades primárias de expressão formas alternativas de relacionamento amoroso e sexual. Essas expectativas são veiculadas e reforçadas pela acção do Outro, significativo e generalizado. Por um lado, as instituições publicitam o modelo de conduta “normal” através de diversos mecanismos e agências; por outro, a acção de indivíduos próximos – amigos, família, colegas de trabalho – recordam ao actor, frequentemente de forma directa, o eventual não cumprimento das expectativas associadas aos seus papéis.

É neste contexto que o reconhecimento de sentimentos homo-eróticos vem a constituir, para muitas mulheres, um “momento crítico”, ou “decisivo” (Giddens, 1997), um momento a partir do qual nada voltará a ser como dantes. A sua “atitude natural” é rompida, gerando condições particularmente favoráveis à reflexividade, ao questionamento e a uma certa desorganização interior e da conduta (Schütz, 1962, 1964; Strauss, 2002). Num universo de sentido de onde estão praticamente ausentes referências a modelos de relacionamento alternativos ao heterossexual, ou onde estes surgem intermitentemente e dotados de uma elevada carga estigmatizante, o género do objecto de desejo sexual é determinante porque impede a ordenação da realidade nos moldes em que ela se encontra, usualmente, ordenada. Quando isto acontece, pode ocorrer uma perda do sentido do próprio lugar no mundo, traduzida no uso de termos como “confusão” ou “luta”. Assim, na maioria dos casos, a primeira paixão homo-erótica tende a desencadear um processo de reflexão que implica a reconstrução da própria história de vida, promovendo uma revisão de eventos passados à luz de acontecimentos presentes, mas passando, igualmente, por uma antecipação do que o futuro pode ser. Trata-se de um processo de reinterpretação do sentido identitário que visa acomodar os novos eventos e repor o sentimento de continuidade que sustenta a identidade pela eliminação da sensação de alienação, de perda de si próprio. Neste processo, os dados do contexto são

como a de Bourdieu, que permitem integrar “o plano dos recursos culturais e dos *status* simbólicos”. Ainda na linha dos mesmos autores (idem: 53), e atendendo, como eles, a alterações recentes nas sociedades economicamente desenvolvidas, a determinação da origem de classe atendeu ao “critério da «dominância» ou da «conjugação» (neste, com a criação de novas categorias), em qualquer caso integrando na classificação, sem hierarquia apriorística, ambos os sexos”. Note-se que a pertença de classe, ao contrário da origem de classe não revelou pertinência explicativa. Assim, é apenas indicada aqui a origem de classe de cada entrevistada. Para evitar sobrecarregar o texto da comunicação, a origem de classe é indicada por recurso às mesmas siglas adoptadas pelos autores referenciados, a saber: EDL (Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais); PTE (Profissionais Técnicos e de Enquadramento); EE (Empregados Executantes); OI (Operários Industriais).

fundamentais porque enformam as possibilidades de leitura desses eventos nos momentos em que ocorrem.

Socializadas nos princípios que definem o género em estreita ligação com o exercício da (heteros)sexualidade, a atracção homo-erótica começa por ser sentida pela maior parte das entrevistadas como elemento “anómalo” (Douglas, 1994), i.e., como não fazendo parte nem da sua trajectória de vida esperada, nem da sua identidade, sensação que pode prolongar-se por um período de tempo mais ou menos longo. Alexandra (37 anos, EDL), e.g., lembra-se que “pensava: «Meu Deus! Como é que eu estou a fazer uma coisa destas?! Eu não tenho nada a ver com isto! Eu não sou homossexual. Eu já namorei com rapazes. Eu gosto de rapazes. Eu sinto-me bem com os rapazes...”, e Paula (23 anos, EDL) recorda ter pensado, “primeiro, «Não sou lésbica!»; segundo, «Não posso ser lésbica!»; terceiro, «Vês? Eu não posso ser lésbica, eu até ando com fulano!...»; depois, «Gaitas! Se calhar, sou mesmo lésbica...»; depois, «Não sou nada lésbica!»... E andei três anos nisto, sistematicamente”. Em muitos casos, associada ao reconhecimento do desejo homo-erótico, surge a sensação de “fugir à normalidade, [...] o grande peso de fugir à normalidade”, “a tudo aquilo que era aceitável e normal e natural que acontecesse...” (Margarida, 33 anos, EE), a “Vergonha, pelo que nos é inculido a vida inteira” (Leonor, 35 anos, EE) ou, ainda – nos casos em que a herança católica está mais presente –, a sensação de se estar a cometer um “pecado” (Carolina, 43 anos, EE). Mesmo entre as entrevistadas que não sentiram o seu homo-erotismo como interiormente problemático ou desagregador, tende a emergir o sentimento de uma certa “estranheza”. Sofia (24 anos, PTE), e.g. declara: “tenho uma vaga ideia de pensar: «Que estranho! Por que é que havia de ser com uma mulher?»”.

Uma vez que a identidade assenta, de um modo fundamental, em sentimentos de continuidade e coerência, a integração do elemento estranho desencadeia, então, um trabalho destinado a situá-lo a ambos os níveis. Este trabalho identitário tende, entretanto, a ter lugar, como nota Markowe (1996: 194), “num contexto social que inclui percepções negativas das pessoas das lésbicas; um estereótipo das lésbicas como masculinas, anormais, agressivas e não atraentes; e a invisibilidade lésbica”. Além disso, associada a estas percepções, encontramos também a ideia de que existe um estilo de vida próprio da lésbica, caracterizado pela promiscuidade sexual e pela guetização. Neste sentido, definir-se como lésbica inclui, neste imaginário, uma alteração de estatuto significativa não só em termos de condições de vida presentes, como também de possibilidades de vida futuras (Plummer, 1996).

Isto mesmo é intuído pelas próprias entrevistadas, independentemente do grau de acomodação interior dos seus sentimentos. Margarida (33 anos, EE), e.g., recorda-se que, quando começou a aproximar-se da mulher que viria a ser a sua primeira namorada, “havia pessoas que já sabiam da orientação dela e, pelo facto de me começarem a ver muito com ela, começaram a desenhar um bocadinho o meu trajecto, e lembro-me disso me ter assustado muito na altura”, entre outras razões pela consciência de que “a homossexualidade era, e ainda é, uma opção recriminada”, “alvo de crítica e de não aceitação”. Mesmo nos casos em que os sentimentos homo-eróticos não parecem levantar questões de maior ao nível pessoal, estas mulheres apercebem-se “que não era uma coisa muito fácil. Quer dizer, aí, ia levantar problemas, ia ser chato. E, aí, dei-me conta que tinha que ser pragmática na gestão da situação relativamente aos outros. Para mim, não tinha que gerir nada. Nunca tive” (Catarina, 35 anos, PTE).

Em conjunto, estes factores tendem a contribuir para a desidentificação face à categoria da lésbica, pelo menos num primeiro momento, tanto como para a dificuldade de aceitação emocional da dimensão homo-erótica das suas experiências e/ ou das suas identidades. Markowe (1996: 195) defende que há um conjunto de factores que pode contribuir para ultrapassar essas dificuldades, nomeadamente a percepção do lesbianismo como opção, ligada às representações sociais disponíveis sobre o género e a natureza humana, e a capacidade de lidar com a ameaça identitária. As narrativas recolhidas parecem suportar esta leitura. Todavia, elas indiciam, igualmente, que essa capacidade está também intimamente associada às condições particulares de socialização e às características das redes de sociabilidade dos actores. De facto, encontramos algumas dissemelhanças e proximidades entre o conjunto das entrevistadas que estão, igualmente, ligadas a um conjunto de variáveis intervenientes que traduzem a presença de certas condicionantes estruturais, em particular, a pertença geracional, a vivência em meios urbanos ou rurais e a origem de classe. Estas variáveis prefiguram um potencial explicativo das diferenças encontradas quer na eventualidade de equiparação da admissão de sentimentos homo-eróticos a um momento crítico, quer nos modos de lidar com esse momento crítico e com o seu desfecho.

De um modo sintético, pode afirmar-se que os resultados obtidos indiciam que um contacto mais precoce com o homo-erotismo, incluindo a presença de modelos positivos para além da estereotipia e do anedotário comum, bem como a pertença ou o acesso a grupos de pares que não excluam a partilha de sentimentos e experiências alternativos à heterossexualidade, reduzindo, assim, a sensação de isolamento, actuam no sentido quer da ausência de ruptura do Eu, quer da menorização dos impactos do estigma na identidade pessoal, algo também notado por Jensen (1999) e Markowe (1996). Assim, Catarina (35 anos, PTE), e.g., além de ter um “irmão [que] também é homossexual”, recorda que “tinha uma vida, no que diz

respeito já à frequência de um mundo marginal, não é marginal, mas – percebes o que eu estou a dizer? – específico, já muito natural”. Estes “mundos” dizem respeito, precisamente, a contextos e grupos de socialização que incluem indivíduos com estilos de vida menos convencionais e no seio dos quais o homo-erotismo é, quando não parte da vivência quotidiana, pelo menos, parte do universo de possibilidades de expressão aceites pelos seus membros. Também Teresa (52 anos, PTE) recorda que, quando se apaixonou pela primeira vez por outra mulher, o homo-erotismo “Faz parte da minha vida, do meu quotidiano. Nessa altura, colegas meus, que agora até estão casados, iam com colegas! Na escola, havia várias situações, havia vários grupos de raparigas, gays e lésbicas, em Belas Artes. Umas mais assumidas, outras só pelo namoro, mas topava-se tudo isso”.

Se a pertença geracional é, sem dúvida, um factor diferenciador dos processos de construção identitária destas mulheres – constituindo a invisibilidade lésbica um entrave à interpretação do próprio elemento homo-erótico e à sua vivência entre as gerações mais velhas –, a sua influência é mediada por outras variáveis, que revelam condições – e configurações – de apropriação diferenciais. Assim, a despeito da diferença de idades, tanto Catarina, como Teresa partilham de um conjunto de características: por um lado, são ambas originárias da classe dominante – o que, desde logo, parece condicionar o acesso a recursos (culturais, mas não só) que permitem ler e lidar de outro modo com as suas experiências; por outro, ambas se movem e/ ou passam a mover em círculos sociais relativamente restritos – no caso, associados aos meios académicos e, em especial, ao meio artístico; finalmente, ambas vivem as suas primeiras paixões homo-eróticas em meios urbanos, caracterizados quer por uma maior diversidade cultural, quer por um maior anonimato.

Estes dois casos contrastam, pois, claramente com os de outras mulheres das mesmas gerações, porém provenientes de fracções de classe mais baixas, residentes em meios rurais ou não tão urbanizados e que vivem as suas primeiras paixões sem a possibilidade de as partilhar com os seus pares. Assim, Beatriz (33 anos, EE), e.g., recorda que “Frequentava muito a biblioteca lá da minha cidade, mas tinha vergonha de requisitar ou de procurar o que quer que fosse”. Este sentimento de vergonha traduz a interiorização do quadro normativo dominante e o medo do opróbrio resultante da possível rotulagem como lésbica num meio pequeno. Zulmira, uma das entrevistadas mais velhas, que, como Beatriz, também residia numa zona afastada dos grandes centros urbanos, recorda a escassez de informação que caracterizou a vivência da sua geração, bem como a impossibilidade de partilhar tais sentimentos. Ao contrário do que aconteceu com Beatriz, na sua geração, nem através da televisão havia acesso a qualquer tipo de informação. Assim, Zulmira (47 anos, EE) recorda-se que, quando começou a tentar perceber os seus sentimentos, “não sabia nada! Não sabia nada! // Não havia muita literatura e não havia muito conhecimento pessoal para se falar dessas coisas... // Não havia nada. // Livros, se calhar, eram escritos, mas eram recolhidos, possivelmente... // A informação era tão escassa, tão escassa... Em casa, não se falava nessas coisas. Os livros, não havia. A informação não chegava. Dificilmente a gente tinha uma noção concreta do que era isso”. Em ambos os casos, as primeiras paixões homo-eróticas são vividas em quase isolamento: Zulmira (47 anos, EE) nota que “Nunca partilhei isso até à altura de sair da cidade” e Beatriz (33 anos, EE), que “O meu único medo era estar isolada, era estar sozinha e não poder dizer isso a ninguém, ou, pelo menos, não partilhar”.

Note-se, entretanto, que embora as entrevistadas mais jovens também se refiram à dificuldade de partilhar as suas vivências, sobretudo quando vivem longe das cidades, como Beatriz, elas tendem a recordar esse período de tempo como sendo menos longo, i.e., mais rapidamente procuram combater essa situação, também porque têm acesso a outros recursos (como, e.g., a *Internet*).

Ultrapassar tais sentimentos implica, frequentemente, uma reconstrução das redes de sociabilidade destas mulheres, nalguns casos acompanhada pela sua deslocação para os (ou aos) grandes centros urbanos, onde frequentemente conseguem inserir-se nas comunidades lésbicas aí existentes. O contacto com outras pessoas que mantêm relações homo-eróticas e/ ou que se definem como lésbicas surge como um contexto fundamental de apoio, especialmente pelos efeitos produzidos. Nas narrativas, essa importância é sublinhada a três níveis: a redução dos sentimentos de raridade, isolamento e solidão; o acesso a redes sociais de apoio e de pertença; e a possibilidade de se situarem do ponto de vista identitário. Vários estudos têm, aliás, salientado esta função de reforço (Jensen, 1999; Gagnon & Simon, 1977; Ponse, 1978; Gonsiorek & Rudolph, 1991; Faderman, 1992). Uma comunidade lésbica funciona como um contexto onde a pessoa se sente confiante para falar dos seus sentimentos, mas oferece, igualmente, muitas vezes, um encorajamento à sua partilha com outros – família e amigos, sobretudo. Além disso, ela actua, igualmente, como um ambiente protector que contraria o peso da opressão e as mensagens negativas sobre o homo-erotismo que afectam a representação de si dos indivíduos. Mas esse contacto fornece, igualmente, normas e instrumentos específicos ligados ao trabalho de (re)construção identitária – entre os quais, o guião privilegiado das comunidades gays e lésbicas: a “trajectória gay” (Ponse, 1978).

A “trajectória gay” constitui “o princípio da construção identitária no mundo lésbico” e gay e “funciona de modo semelhante ao princípio de consistência⁴, a assunção implícita da construção social das identidades ligadas ao sexo na sociedade mais vasta” (Ponse, 1978: 124-125), e a sua presença não pode ser negligenciada na explicação dos processos de reinterpretção biográfica. Estabelecendo-se como uma grelha de leitura da experiência, a “trajectória gay”, geralmente divulgada através da publicitação de múltiplas histórias de “saída do armário”, cria as regras de enunciação do discurso da própria comunidade e atribui a cada uma delas uma certa linearidade, um sentido inequívoco, que nunca corresponde, no entanto, às biografias reais. A “trajectória gay” não deixou de ser influenciada pelas classificações geradas no campo científico, designadamente pela importação de uma certa ideia de congenitalidade da homossexualidade e do desenvolvimento progressivo de uma identidade gay ou lésbica que procede por fases mais ou menos sequenciais⁵.

Os resultados que obtivemos ilustram a importância deste guião, porquanto o uso desse tipo de explicação tende a ser dominante não só entre as mulheres mais velhas, como também entre aquelas (maioritariamente originárias de fracções de classe mais baixas) cujo meio privilegiado de sociabilidade é o meio gay e lésbico. Os seus contextos de socialização, quer em termos geracionais, quer de grupos de pares podem, portanto, contribuir para explicar o facto de privilegiarem teses realistas mais ou menos moderadas. Assim, por um lado, ao longo da história, evidentemente, as “psicologias” vão sendo substituídas, quer devido a alterações profundas na estrutura social, conducentes a mudanças nas realidades psicológicas, quer devido ao desenvolvimento das próprias teorias que exigem essas modificações (Berger & Luckmann, 1989: 179-180). À data em que têm lugar os primeiros envolvimentos homo-eróticos das mulheres mais velhas, as teorias realistas eram, de facto, dominantes. Por outro lado, a inserção da maior parte destas entrevistadas em comunidades lésbicas a partir do momento em que reconhecem os seus sentimentos pode ter actuado quer como factor de reforço, quer de acesso a essas teorias explicativas, precisamente na medida em que tanto a sua constituição, como a narrativa de “saída do armário”, que se tornou num instrumento fundamental de mobilização dos indivíduos em torno de uma causa “comum”, as privilegiam. É precisamente entre estas mulheres que encontramos uma maior tendência de conformidade às expectativas implícitas da comunidade gay e lésbica acerca dos seus membros. Elas tendem a considerar que o seu lesbianismo traduz um *self* autêntico que se trata de “descobrir”, uma “verdade” interior que aguarda revelação (Stein, 1997; Ponse, 1978). O termo “descoberta” é, aliás, recorrente nas narrativas. Margarida, e.g., diz-nos que “Acho que nasceu comigo! Não houve nada, nenhuma situação, que me tivesse causado isso. // Nasceu, veio cá para fora... Podia nunca ter vindo! Podia nunca ter descoberto!” (Margarida, 33 anos, EE).

Ao mesmo tempo, todavia, este tipo de discurso aponta, simultaneamente, para a presença de contextos que podem ou não propiciar a descoberta – daí a referência de Margarida à ideia de que também poderia não ter “descoberto” o seu lesbianismo. Os factores ambientais são considerados como potencialmente facilitadores ou inibidores do processo de actualização de um lesbianismo latente. Assim, ainda segundo Margarida, apesar de não ter vivido “num ambiente homossexual... Eu, mais tarde, vim a contactar com ele e tive a hipótese, pelo facto de me ter também despertado uma curiosidade, de ter a experiência. Eu acho que, se não tivesse tido esse contacto, nem essa experiência, ainda hoje viveria com «amizades especiais». Se calhar, ter-me-ia casado...” (Margarida, 33 anos, EE).

Inversamente, entre aquelas mulheres que defendem uma perspectiva que poderíamos classificar como construtivista da identidade, os factores ambientais são preponderantes. Nestes casos, a crença num homo-erotismo essencial, tal como defendido pelas outras entrevistadas, está, geralmente, ausente, ou a postura acerca da sua essencialidade poderia ser melhor caracterizada como de agnosticismo, i.e., elas não conseguem decidir-se nem afirmativa, nem negativamente pela sua presença. Apenas quatro entrevistadas, no entanto, colocam a tónica quase exclusivamente em factores ambientais, em sentido lato. Não é apenas o seu peso na formação da identidade e da preferência sexual que é diverso, mas é, antes de mais, a consideração de que se trata de factores que não são claramente identificáveis, mas que têm a ver com o trajecto de vida, as experiências vividas e os contextos de socialização, vindo a desembocar numa certa representação de si, quer esta seja definida de forma mais restrita (lésbica ou homossexual), ou não (definição circunstancial ou indefinição).

⁴ O “princípio de consistência”, subjacente a uma “teoria popular [...] ancorada nas visões judaico-cristãs religiosa e legal da sexualidade”, refere-se à crença de que “os elementos da atribuição de sexo, a identidade de género, os papéis sexuais (ou papéis de género), a escolha do objecto sexual e a identidade sexual variam no mesmo sentido” (Ponse, 1978: 24).

⁵ Appleby & Anastas (1998: 55) sugerem que esta visão da homossexualidade presente na “trajectória gay”, que, não sendo a única, parece ser a mais aceite, “é politicamente aliciante para muitos activistas do movimento pelos direitos dos gays porque sugere que as pessoas gays, lésbicas e bissexuais têm que ser tratadas como as outras que apresentam diferenças face à maioria que não conseguem mudar e são, assim, mais similares a vítimas do que a rebeldes empenhados ou subversivos”.

Marisa (37 anos, PTE), e.g., defende “que, de alguma maneira, é como se isto fosse um percurso. Eu, ainda hoje, não penso que só poderia ter sido lésbica. Não acho. Acho que houve ali momentos da minha vida em que aquelas atracções que eu senti já em fases posteriores, mais velhita, dezasseis, dezassete, dezoito, dezanove, vinte, nessas idades, se algum daqueles homens a quem eu achei piada me tivesse achado piada, eu acho que, se calhar, hoje podia estar casada e com filhos! Poderia ter acontecido! Não sei! Ou até poderia ter tido uma relação com eles e, entretanto, ter vindo a gostar na mesma de mulheres... // Eu não vejo como uma coisa que *era aquilo!* Só depois é que despoletou, mas era aquilo e sempre esteve... Não! Eu, hoje, olho para essa realidade como um percurso que se vai construindo, uma coisa aqui, outra ali! // De alguma maneira, eu acho que mesmo algumas amigas minhas olham para o meu percurso um bocado como se «Coitada, a Marisa, também, com os homens, aquilo nunca deu, portanto, virou-se para as mulheres...” e eu acho que não passa bem por aí, mas também não passa por «Isto com os homens também nunca deu porque eu já gostava de mulheres!” Acho que é uma mistura, é um percurso, vai sendo naquele sentido. // Não acho que seja uma coisa muito decidida – «Agora, vou decidir assim!» –, mas aconteceu, foi acontecendo naturalmente”.

A tónica na construção de um caminho que não é propriamente predeterminado, mas fruto das circunstâncias está também presente na narrativa de Catarina. Deve notar-se, no entanto, que Marisa passou por um processo de terapia que não será, certamente, alheio à sua reflexividade acerca da identidade sexual e do seu próprio trajecto de vida. Nos outros casos, o discurso das entrevistadas surge menos articulado, mantendo-se, no entanto, a ideia central de uma história de vida que se vai construindo muitas vezes pelo mero embarque no curso do presente. Olhando para o seu trajecto, Catarina (35 anos, PTE), e.g., considera que “Têm-me atraído coisas diferentes, em alturas diferentes da vida, conforme as circunstâncias que eu estou a viver, e só *a posteriori* é que eu me dou conta. // [...] é quase como se fosse um pragmatismo inconsciente, que eu não domino, é quase uma deliberação não consciente: passas a estar atenta a outros fenómenos numa pessoa, e, nessa altura... // Não é uma opção, sequer. E, portanto, fui-me deixando atrair, ou deixando que coisas diferentes me chamassem mais a atenção, em períodos diferentes da minha vida, conforme, também, o momento biográfico e a conjuntura e as circunstâncias. Não consigo precisar melhor”.

Assim, para estas mulheres, o seu lesbianismo é o resultado de um processo de construção gradual. Apesar de se tratar de um modelo explicativo avançado apenas por uma minoria, é de notar que todas elas são originárias da classe dominante. Trata-se de um tipo de discurso que não encontramos entre nenhuma das entrevistadas com outras origens de classe, e que é, certamente, alvo de menor divulgação e publicitação pública e de menor aceitação por parte do próprio activismo gay e lésbico. As suas narrativas são perpassadas por referências a recursos literários e/ ou plásticos, que são também, por definição, recursos narrativos, de carácter erudito e/ ou académico. Além disso, os recursos narrativos alteram-se com a própria transformação social e têm impactos nas possibilidades de definição identitária das diferentes gerações. As teses construtivistas são, a este respeito, relativamente recentes na história da sexualidade e, portanto, podemos estar na presença do resultado de um processo de filtragem do acesso ligado quer à posição de classe, quer à pertença geracional. O conjunto de propriedades que definem estas mulheres e as suas trajectórias particulares de vida podem, portanto, ter-lhes facultado recursos que apontam para a relativização dos factores mais propriamente “naturais” do homo-erotismo e da formação da identidade nas suas explicações.

Conclusão

A análise das histórias de vida de um conjunto de mulheres com relacionamentos homo-eróticos apontam no sentido de o desejo homo-erótico constituir, frequentemente, um momento crítico nas suas vidas, desencadeando um trabalho de reconstrução identitária e propiciando a reflexividade. As dificuldades em lidar com o desejo homo-erótico na primeira pessoa são, entretanto, socialmente variáveis, indiciando que a capacidade de lidar com o que ainda constitui uma ameaça identitária está intimamente associada às condições particulares de socialização e às características das redes de sociabilidade dos actores. Assim, os resultados apresentados ilustram algumas dissemelhanças e proximidades entre o conjunto das entrevistadas que estão, igualmente, associadas à presença de um conjunto de variáveis intervenientes, que traduzem a presença de certas condicionantes estruturais, em particular, a pertença geracional, a vivência em meios urbanos ou rurais e a origem de classe. Estas variáveis prefiguram um potencial explicativo das diferenças encontradas quer na eventualidade de equiparação da admissão de sentimentos homo-eróticos a um momento crítico, quer nos modos de lidar com esse momento crítico e com o seu desfecho. Por outro lado, trata-se de variáveis que se prefiguram especialmente relevantes em termos de acesso aos recursos de que o actor se pode socorrer para levar a cabo esse trabalho identitário. Estes recursos referem-se, especificamente, tanto à presença, como à

possibilidade de acesso a modelos de representação e de vivência da sexualidade e dos afectos alternativos ao heterossexual. A influência daquelas variáveis é, a este respeito, dupla: ela liga-se às características incorporadas do género, associadas, por um lado, aos contextos socio-históricos que definem o período de adolescência e início da idade adulta destas mulheres e, por outro, aos padrões típicos da classe e às possibilidades diferenciais de acesso a esses recursos que a posição de classe faculta. Existem, ainda, outras variáveis intervenientes neste processo, ligadas a trajectórias de vida particulares, ainda que apresentem ligação às primeiras. Neste caso, estão, nomeadamente, em causa, os contextos microsociais em que as entrevistadas se movem ou passam, a partir de determinado momento das suas vidas, a mover-se, incluindo, em particular, a formação e as características dos seus grupos de pares, que se podem revelar mais ou menos favoráveis à expressão e à vivência do homo-erotismo.

Bibliografia:

- APPLEBY, George Alan & ANASTAS, Jeane W. (1998) – Gay, Lesbian, and Bisexual Identities: Definitions and dilemmas. In George Alan Appleby & Jeane W. Anastas (eds.) – *Not Just a Passing Phase: Social work with gay, lesbian, and bisexual people*. New York: Columbia University Press (pp. 45-75)
- BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas (1989) – *The social construction of reality: A treatise in the sociology of knowledge*. New York: Anchor Books
- BOURDIEU, Pierre (1979) – *La Distinction: Critique sociale du jugement*. Paris: Les Editions de Minuit
- BRANDÃO, Ana Maria (2007) – “«E se tu fosses um rapaz?» Homo-erotismo feminino e construção social da identidade”. Dissertação de doutoramento. Universidade do Minho.
- BROOTEN, Bernadette J. (1996) – *Love Between Women: Early Christian responses to female homoeroticism*. Chicago: The University of Chicago Press
- DOUGLAS, Mary (1994) – *Purity and Danger: An analysis of the concepts of pollution and taboo*. London: Routledge
- DUBAR, Claude (2000) – *La crise des identités: L'interprétation d'une mutation*. Paris: P.U.F.
- DUBET, François (s.d.) – *Sociologia da Experiência*. Lisboa: Instituto Piaget
- ELIAS, Norbert (1989) – *O Processo Civilizacional*. Vol. 1. Lisboa: Dom Quixote
- FADERMAN, Lilian (1992) – *Odd Girls and Twilight Lovers: A history of lesbian life in twentieth-century America*. s.l.: Penguin Books
- FOUCAULT, Michel (1994) – *História da Sexualidade*. 3 vols. Lisboa: Relógio d'Água
- FOUCAULT, Michel (1969) – *L'Archéologie du Savoir*. s.l.: Gallimard
- GAGNON, John H. & SIMON, William (1977) – *Sexual Conduct: The social sources of human sexuality*. Chicago: Aldine Publishing Company
- GIDDENS, Anthony (1997) – *Modernidade e Identidade Pessoal*. Oeiras: Celta
- GONSIORIEK, John C. & RUDOLPH, James R. (1991) – Homosexual Identity: Coming out and other developmental events. In John C. Gonsiorek & James D. Weinrich (ed.) – *Homosexuality: Research Implications for public policy*. London: Sage (pp. 161-176)
- HART, John (1984) – Therapeutic Implications of Viewing Sexual Identity in Terms of Essentialist and Constructionist Theories. In John P. De Cecco (ed.) – *Bisexual and Homosexual Identities: Critical clinical issues*. New York: The Haworth Press (pp. 39-51)
- JENSEN, Karol L. (1999) – *Lesbian Epiphanies: Women coming out in later life*. New York: Harrington Park Press
- MACHADO, Fernando Luís, COSTA, António Firmino da, MAURITTI, Rosário, MARTINS, Susana da Cruz, CASANOVA, José Luís & ALMEIDA, João Ferreira de (2003) – Classes sociais e estudantes universitários: Origens, oportunidades e orientações. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. n.º 66: 45-80
- MALLON, Gerald P. (1998) – Lesbian, Gay, and Bisexual Orientation in Childhood and Adolescence. In George Alan Appleby & Jeane W. Anastas (eds.) – *Not Just a Passing Phase: Social work with gay, lesbian, and bisexual people*. New York: Columbia University Press: 123-144
- MARKOWE, Laura A. (1996) – *Redefining the Self: Coming out as lesbian*. s.l.: Polity Press
- MOITA, Maria Gabriela (2001) – *Discursos sobre a Homossexualidade no Contexto Clínico: A homossexualidade de dois lados do espelho*. Dissertação de doutoramento. Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto
- PEREIRA, Henrique (2005) – *A Identidade (Homo)sexual: A construção de um modelo empírico*. Dissertação de doutoramento. Universidade Nova de Lisboa/ I.S.P.A.
- PLUMMER, Ken (1996) – Symbolic Interactionism and the Forms of Homosexuality. In Steve Seidman (ed.) – *Queer Theory/ Sociology*. Cornwall: Blackwell (pp. 64-82)

- PLUMMER, Ken (2001) – *Documents of Life 2: An invitation to a critical humanism*. London: Sage
- PONSE, Barbara (1978) – *Identities in the Lesbian World: The social construction of self*. Westport: Greenwood Press
- RICH, Adrienne (1980) – Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*. Vol. 5 (4): 631-660
- SCHÜTZ, Alfred (1964) – *Collected Papers: Studies in social theory*. The Hague: Martinus Nijhoff
- SCHÜTZ, Alfred (1962) – *Collected Papers: The problem of social reality*. The Hague: Martinus Nijhoff
- SKEGGS, Beverley (2002) – *Formations of Class and Gender*. London: Sage
- STEIN, Arlene (1997) – *Sex and Sensibility: Stories of a lesbian generation*. Berkeley: University of California Press
- STRAUSS, Anselm L. (2002) – *Mirrors and Masks: The search for identity*. New Brunswick: Transaction Publishers
- TROIDEN, Richard (1988) – *Gay and Lesbian Identity: A sociological analysis*. New York: General Hall